

Rússia sofre onda de sanções, e Putin decreta prontidão nuclear



Resistência. Voluntários civis enchendo sacos com areia para montar barricadas contra o avanço russo na cidade ucraniana de Kropyvnytskyi; país vai receber € 450 milhões da UE para comprar armas

SOB PRESSÃO, PUTIN JOGA A CARTA NUCLEAR COM RÚSSIA SOB SANÇÕES E UCRÂNIA SENDO ARMADA, PRESIDENTE PÕE FORÇAS EM ALERTA

BRUXELAS, MOSCÚ E WASHINGTON

Presidente da Rússia, Vladimir Putin, deu um passo a mais na escalada das tensões com o Ocidente após a invasão da Ucrânia e ordenou ontem que as forças de dissuasão nuclear russas sejam postas em alerta máximo. A medida foi tomada, segundo o presidente, como resposta a "declarações agressivas" dos países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) — a aliança militar ocidental liderada pelos Estados Unidos — e veio no rastro de pesadas sanções que têm sido adotadas por americanos, europeus e seus aliados contra Moscou.

A decisão de Putin foi anunciada em uma reunião com o ministro da Defesa, Sergei Shoigu, e o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Valery Gerasimov.

Os países ocidentais não estão somente adotando medidas econômicas hostis (...), mas funcionários importantes dos principais países da Otan estão fazendo declarações agressivas contra nosso país"

Vladimir Putin, presidente da Rússia

"Em momento algum a Rússia foi ameaçada pela Otan ou pela Ucrânia. Resistiremos a isso. Temos capacidade de nos defendermos"

Jen Psaki, porta-voz da Casa Branca

Os países ocidentais não estão somente adotando medidas econômicas hostis contra nosso país, mas funcionários importantes dos principais países da Otan estão fazendo declarações agressivas contra nosso país. Por isso, ordeno ao ministro da Defesa e ao chefe do Estado-Maior que ponham as forças de dissuasão do Exército russo em estágio especial de preparo para combate", disse Putin em comunicado citado pela agência Tass. As forças de dissuasão russas dispõem de armas nucleares.

Além das duras sanções econômicas já anunciadas por EUA e União Europeia (UE) e do fechamento do espaço aéreo do bloco para aviões russos, decretado ontem, autoridades de Alemanha, França, Holanda, Suécia, Dinamarca, Bélgica e Austrália anunciaram no fim de semana que seus países enviarão armas para ajudar a Ucrânia a se defender dos russos, como lança-

quetes e armas antitanques. Não ficou claro que tipo de mobilização o estágio de preparo nuclear ordenado por Putin implica. O presidente russo tem feito advertências, desde o início da invasão na quinta-feira, ameaçando países estrangeiros com "consequências que jamais viram" no caso de interferência nas ações militares de seu país na Ucrânia.

'AMEAÇAS INEXISTENTES'

Os EUA reagiram imediatamente ao anúncio russo e a Casa Branca declarou que a ordem de Putin é parte de "um padrão de fabricação de ameaças inexistentes para justificar a agressão".

Em momento algum a Rússia foi ameaçada pela Otan ou pela Ucrânia — disse a porta-voz Jen Psaki. — Resistiremos a isso. Temos capacidade de nos defendermos

A embaixadora dos EUA na ONU, Linda Thomas-Greenfield, completou:

— A decisão significa que o presidente Putin continua a fazer a escalada da guerra de uma maneira totalmente inaceitável, e nós temos de continuar a deter suas ações da forma mais vigorosa possível.

Para o premier britânico, Boris Johnson, o anúncio foi uma forma de desviar atenções da guerra na Ucrânia

Segundo o especialista em segurança da rede CBS, a medida russa é uma forma de enviar um recado à Otan, mais do que sinalizar a intenção de usar armas nucleares. A decisão de Putin ocorre logo após as fortes sanções anunciadas pelos EUA e outros países do Ocidente para retirar importantes bancos russos do sistema internacional de pagamentos Swift, que é vital para a realização de transações bancárias globais. Também se segue ao anúncio, ontem, do chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, de que o país vai aumentar seus gastos de Defesa

para mais de 2% do PIB diante da nova realidade geopolítica imposta pela invasão russa na Ucrânia. Em Nova York, o porta-voz do secretário-geral da ONU, António Guterres, reagiu ao anúncio de Putin.

— A mera ideia de um conflito nuclear é simplesmente inconcebível — disse Stéphane Dujarric.

Por sua vez, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou ontem que a UE vai financiar, comprar e entregar armas para a Ucrânia, a serem usadas na defesa do país. A iniciativa, assim como o fechamento do espaço aéreo do bloco a aeronaves russas, foi aprovada pelos chanceleres do bloco. Eles também deram aval ao pacote de sanções financeiras anunciado no sábado.

Falando após a reunião em Bruxelas, Von der Leyen afirmou que esta é a primeira vez em que o bloco vai diretamente comprar armas para entregar a um terceiro país — de acordo com o chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, o valor chegará a € 450 milhões para a aquisição de equipamentos, como mísseis anti-tanque, e outros € 50 milhões destinados à compra de insusos não letais. Ele afirmou que o dinheiro poderá ser usado eventualmente na aquisição de aeronaves de combate, mas não deu detalhes.

— Não estamos falando apenas sobre munição. Estamos proporcionando armamentos mais importantes para uma guerra — disse Borrell.

CÉUS FECHADOS EM 34 PAÍSES

Ele ainda afirmou que a Polónia, que faz limite com a Ucrânia, colocou-se à disposição para atuar como centro de distribuição dos armamentos, e apontou para o risco de uma possível desestabilização de todo o Leste Europeu.

— Estamos preocupados com o que possa acontecer na região. Temos medo de que a Rússia não pare na Ucrânia, e que a influência russa possa começar a ser vista nos países vizinhos — disse Borrell. — O que aconteceu na Ucrânia deve ser um momento-chave para a Europa.

Com o fechamento do espaço aéreo da UE a aviões russos — uniformizando uma medida já tomada por vários membros — chegam a 34 os países que adotaram essa providência. Ela significa quase um banimento de voos da Rússia para o Ocidente, a que Moscou vem respondendo na mesma moeda, já tendo fechado o espaço aéreo sobre o território russo para cerca de dez nações. A companhia russa Aeroflot, por sua vez, cancelou todos os voos para a Europa.

Bolsonaro: Brasil manterá neutralidade no conflito

BRASÍLIA E WASHINGTON (G1)

Presidente Jair Bolsonaro disse ontem que o Brasil "não vai tomar partido" e deve manter uma posição neutra após a Rússia invadir a Ucrânia, e afirmou esperar que a Otan "não potencialize o problema". A declaração, a primeira do presidente sobre o tema desde o início da guerra na quinta-feira, ocorreu no mesmo dia em que, em Nova York, o embaixador brasileiro na

ONU, Ronaldo Costa Filho, alertava que sanções econômicas de Europa e EUA e mais o envio de armas para a Ucrânia podem piorar situação.

O presidente disse que teme impactos no preço da gasolina e dos fertilizantes, caso a guerra se prolongue. Em coletiva no Guarujá, no litoral paulista, onde passa o carnaval, Bolsonaro fez referência a uma conversa que teve "há pouco" com o presidente da Rússia, Vladimir

Putin. Em nota posterior, o Itamaraty informou que Bolsonaro se referia "às duas horas de conversa ao vivo na visita a Moscou", ocorrida duas semanas atrás.

— Tratamos de muita coisa, a questão dos fertilizantes foi das mais importantes. Obviamente, ele falou alguma coisa sobre a Ucrânia, eu me reservei como segredo de não entrar em detalhes — disse Bolsonaro. — Não vamos tomar partido, vamos continuar pela neu-

tralidade e ajudar, na medida do possível, a busca da solução.

Questionado se manteria a posição neutra mesmo se houvesse ataque a civis ucranianos em larga escala, Bolsonaro afirmou não acreditar que isso vá acontecer.

— Não acho que esse conflito vá se prolongar, até pela diferença bélica de um país para outro. Um agente espera obviamente que outros países da Otan não ajudem a potencializar esse problema, que

no meu entender está pra ser resolvido — afirmou.

Na ONU, na reunião que determinou a convocação extraordinária da Assembleia Geral para hoje, o embaixador Ronaldo Costa Filho reafirmou o voto do Brasil condenando a Rússia pela invasão da Ucrânia, mas fez alerta: "O fornecimento de armas, o recurso a ciberataques e a aplicação de sanções seletivas, que podem afetar setores como fertilizantes e trigo, com forte risco de aumentar a fome, acarretam o risco de agravar e espalhar o conflito e não de resolvê-lo.

Não podemos ignorar o fato de que essas medidas aumentam os riscos de um confronto mais amplo e direto entre a Otan e a Rússia", afirmou ele.

"É nosso dever, tanto no Conselho quanto na Assembleia Geral, parar e reverter essa escalada. Precisamos nos engajar em negociações sérias, de boa fé, que possam permitir a restauração da integridade territorial da Ucrânia, garantias de segurança para a Ucrânia e a Rússia e estabilidade estratégica na Europa", destacou o representante brasileiro. (Com o G1 e Renata Mariz)

BATALHA PELA SEGUNDA CIDADE

RUSSOS ENTRAM EM KHARKIV, MAS UCRANIANOS DIZEM MANTER CONTROLE

KHARKIV, UCRAÍNA

Após quatro dias de ataques, tropas russas entraram ontem na cidade ucraniana de Kharkiv, a segunda maior do país e que fica a apenas 65 quilômetros da fronteira da Rússia. Horas depois, o prefeito Oleh Synyehubov afirmou que a cidade voltou a ser controlada por soldados ucranianos. Ele havia alertado que a parte central de Kharkiv estava sem energia elétrica e pediu que os moradores permanecessem em abrigos. A Rússia, por sua vez, informou que capturou 471 soldados ucranianos em Kharkiv.

— Os veículos [de combate] leves do inimigo russo invadiram Kharkiv, incluindo o centro da cidade, mas as Forças Armadas da Ucrânia estão destruindo o inimigo. Pedimos aos civis que não saiam — afirmou Synyehubov. Imagens publicadas nas redes sociais e verificadas pela BBC mostram um grupo de soldados ucranianos escondidos atrás de uma parede, enquanto um lança um míssil antitanque. No vídeo também é possível ouvir o barulho de rajadas de metralhadora. Em outra rua, restos de um blindado militar russo ardiem em chamas, ao lado de vários veículos abandonados.

RESIDÊNCIAS ATINGIDAS

Os combates começaram na manhã de ontem, com confrontos em diferentes pontos da cidade, de 1,4 milhão de habitantes e localizada cerca de 400 quilômetros a leste da capital, Kiev. Um prédio de nove andares com residências civis foi atingido por um míssil russo e deixou uma mulher morta. Vinte pessoas precisaram ser retiradas às pressas. Outros 60 moradores haviam se refugiado em um abrigo subterrâneo e não foram feridos.

Enquanto isso, o Exército russo anunciou ter cercado duas grandes cidades no Sul, Kherson e Berdyansk. Em



Vestígios. Combatente ucraniano examina veículo russo de transporte de tropas que teria sido destruído na batalha por Kharkiv, que fica a 65 km da fronteira russa

MAPA GERAL DA OFENSIVA RUSSA

Em mais um dia de combates, as tropas russas mantiveram o cerco a Kiev



comunicado, o Ministério da Defesa também reivindicou a tomada da cidade de Genichesk, às margens do Mar de Azov, e de um aeródromo perto de Kherson.

Além dos ataques em Kharkiv, os russos atingiram usinas de fornecimento de energia próximas a Kiev. Também há registro de ataques à cidade de Bucha, que fica a cerca de 30 quilômetros da capital, e onde um prédio residencial foi atingido.

ZELENSKY DENUNCIA

Mais cedo, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, afirmou que a Rússia tem bombardeado áreas residenciais em várias cidades como Vasylykiv, Kiev, Chernigiv, Sumy e Kharkiv. Segundo ele, as tropas russas estão "matando civis" de propósito e atacando cidades que nunca ti-

veram "nenhum tipo de estrutura militar".

— Eles mentiram sobre o fato de que não atacariam civis. Desde as primeiras horas da invasão das tropas russas, eles estão atacando as infraestruturas civis. Deliberadamente escolheram táticas para atingir pessoas e tudo aquilo que torna a vida normal: eletricidade, hospitais, jardins de infâncias, casas, entre outros. Isso poderia ter sido pior se não fossem nossas forças militares — disse Zelensky.

O presidente afirmou ainda que "os ataques da Rússia contra a população civil e as infraestruturas têm características de um genocídio e merecem um tribunal internacional". Desde que os ataques foram iniciados, o mandatário alertou que Kiev irá denunciar as autoridades de Moscou no Tribunal Penal Internacional, em Haia.

COMBOIO PERTO DE KIEV

De acordo com a BBC, uma das áreas residenciais bombardeadas é o subúrbio de Troieshchyna, em Kiev. Um conselheiro do ministro do Interior da Ucrânia classificou a ação como "um ataque sem sentido e impiedoso na área residencial de Kiev". Vídeos e imagens postados nas redes sociais mostram fumaça saindo do pátio de um prédio residencial, cercado por carros destruídos, em Troieshchyna.

De acordo com o serviço de imagens por satélite Maxar, há um grande comboio militar russo a cerca de 40 km da capital ucraniana, com aproximadamente cinco quilômetros de extensão e composto por veículos militares e de transporte de combustíveis. Não foi possível verificar, de forma independente, a veracidade das imagens.

De acordo com a ONU, pelo menos 64 civis foram mortos e 240 ficaram feridos desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, no dia 24. A Ucrânia fala em 198 civis mortos, incluindo três crianças.

Zelensky concorda em negociar na Bielorrússia, mas se diz cético

Ucraniano rejeitara inicialmente reunião no país vizinho, onde delegação russa está

KEV, MOSCÚ

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, concordou em enviar uma delegação para negociar com Moscou "sem pré-condições" em uma reunião prevista para acontecer hoje na fronteira com a Bielorrússia. Zelensky — que acusa o governo bielorrusso de permitir que seu território seja usado como plataforma para a invasão da Ucrânia pela Rússia — tinha inicialmente rejeitado enviar representantes para se encontrar com uma missão russa que já está no país vizinho, mas mudou de posição, embora tenha dito que não espera muito da reunião.

— Vou dizer com franqueza, como sempre: não acredito muito no resultado desta reunião, mas deixo-o tentar. Para que nenhum cidadão da Ucrânia tenha dúvidas de que eu, como presidente, não tentei parar a guerra quando havia uma pequena chance — disse.

Segundo um comunicado divulgado por Zelensky no Telegram, os dois lados se encontrarão perto do Rio Pripyat, em um encontro "sem pré-condições". Anteriormente, o Kremlin havia dito que só negociaria quando o governo ucraniano concordasse em adotar um estado de "neutralidade", desistindo da pretensão de entrar na Organização do

Tratado do Atlântico Norte (Otan). A delegação negociadora de Moscou chegou ontem a Gomel, cidade do Sudeste da Bielorrússia, também perto da fronteira.

Antes, em um vídeo transmitido em suas redes sociais, Zelensky pediu que as negociações acontecessem em um território neutro. — Varsóvia, Bratislava, Budapeste, Istambul, Baku, Dusseldorf, qualquer uma dessas — disse o presidente. — Qualquer outra cidade em um país de onde não nos lancem mísseis está bom para nós.

Zelensky também havia pedido que o premier israelense, Naftali Bennett, mediasse as negociações, aproveitando a

boa relação de Israel com os dois países. Mas enquanto o líder ucraniano queria que o diálogo acontecesse em Jerusalém, Putin insiste em que ele seja na Bielorrússia.

Lukashenko, um dos mais fiéis aliados de Putin na região, acusa o líder ucraniano de "estar mentindo" sobre o apoio bielorrusso a Moscou na invasão.

— Não há um soldado sequer da Bielorrússia lá, não há um projétil nosso na Ucrânia — disse.

Mais cedo, em um discurso transmitido pela TV, Putin agradeceu às forças na Ucrânia por seu trabalho.

— Minha especial gratidão àqueles que, nestes dias, estão cumprindo heroicamente seu dever militar no desenvolvimento de uma operação especial para oferecer assistência à população das repúblicas de Donbass — disse, referindo-se às duas regiões separatistas pró-Rússia, cuja independência o Kremlin reconhe-

ceu na semana passada.

Denunciando sem provas um "genocídio" nessas áreas no Leste da Ucrânia, Putin ordenou há cinco dias o ataque ao país vizinho.

ASSEMBLEIA GERAL

Ontem, o Conselho de Segurança convocou para hoje uma sessão extraordinária da Assembleia Geral da ONU, que deve aprovar um texto condenando a invasão russa da Crimeia. Na Assembleia Geral, os países com assento permanente no Conselho de Segurança não têm poder de veto,

Q "Não acredito muito no resultado desta reunião, mas deixo-os tentar, para que não tenham dúvidas de que eu tentei"

Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia

mas resoluções sobre a paz e a segurança internacionais não têm aplicação mandatória.

Ao todo, foram 11 votos a favor da convocação da Assembleia, incluindo do Brasil, que ocupa um assento rotativo no órgão, três abstenções — China, Índia e Emirados Árabes Unidos — e um voto contra, da Rússia. O resultado foi idêntico ao da votação da resolução, na sexta-feira, condenando o ataque à Ucrânia, e que acabou vetada pela Rússia.

A expectativa é de que o texto a ser elaborado seja submetido ao plenário da Assembleia, isto é, aos 193 países da ONU, na quarta-feira, e os EUA apostam que a resolução receba o apoio de mais de 100 países. Tal número superaria a votação do texto que, em março de 2014, condenou a anexação russa da Península Crimeia. Apesar de não ter efeito prático, a decisão na Assembleia será um sinal do apoio ou da rejeição às políticas russas na Ucrânia.

TOQUE DE RECOLHER TRANCADOS EM HOTEL DE KIEV POR 1 DIA

YAN BOECHAT
REV

Natália nem percebeu a explosão. O som abafado, baixo, mas facilmente perceptível, passou despercebido pela garçonete de 39 anos, 15 de trabalho em um hotel na região central de Kiev.

— Me desculpe, mas hoje só temos sopa de cogumelos, sopa de galinha, peixe e penne à carbonara — dizia ela lendo o menu escrito à mão em um caderninho escolar.

Quando a segunda explosão veio, ela se deu conta.

— Foi longe — disse ela, com autoridade, como se bombardeios fossem rotina de longa data na capital ucraniana.

Natália, como todos aqui, está começando a se acostumar com os sons de uma guerra que parece muito perto, mas que ainda segue distante de Kiev.

ev. As explosões são constantes, mas sempre chegam com esse som abafado, curto, longe. Raras são as vezes que as janelas sentem os últimos efeitos do deslocamento de ar. As sirenes anunciando os ataques aéreos soam a todo momento. Tiros são ouvidos volta e meia, mas logo cessam.

— Acho que todos estamos mais tranquilos agora — conta ela. — No primeiro dia, a qualquer barulho corriamos todos para os abrigos no subsolo. Agora, já nem são importantes. As coisas estão melhores.

COMIDA QUE ACABA

Natália, como todos os funcionários deste hotel, trouxe a família para cá no dia 24, quando a Rússia começou a invasão da Ucrânia. Estão todos morando junto com os hóspedes.

— Foi a única maneira de manter o hotel funcionando, acho que ninguém iria abandonar sua família — diz ela,



Refúgio. Com bombas ainda longe ontem, mas constantes, hóspedes se abrigaram no estacionamento do hotel

que como quase todo mundo nesses tempos de guerra não quer contar seu sobrenome, onde vive nem de onde vem. Construído ainda nos tempos em que a Ucrânia fazia parte do Império Russo, no início do século XX, este hotel histórico é um dos poucos que ainda se mantém totalmente operacional aqui em Kiev. Muitos foram abandonados por seus funcionários, outros já não têm mais comida.

— Temos um bom estoque, estamos preparados, mas não podemos receber mais ninguém, mesmo com quartos disponíveis — conta Mikhail, funcionário da recepção.

Nos últimos quatro dias, Ki-

ev foi entrando em colapso. Lojas fecharam as portas. Algodões por medo da violência, outras porque já não tinham mais produtos. Ontem, a cidade parou com a decretação de um toque de recolher. A noite, o prefeito, Vitali Klitschko, afirmou em uma entrevista para a Associated Press que não há como trazer comida ou remédios para a cidade.

— Estamos cercados.

No hotel onde estão hospedados jornalistas, ucranianos ricos e parentes de funcionários, ainda há fartura. Namanhã de ontem, o café serviu frutas, ovos, linguas, bacon e uma variedade de pães. No jantar, no entanto, houve poucas op-

ções. No sábado, a gerência espalhou cartazes pelas áreas comuns do hotel: “Comida é uma arma”, dizia o texto em inglês, russo e ucraniano. Logo abaixo, o cartaz continuava: “Por favor, coma tudo!”

Com todos trancados neste hotel, sem poder nem sequer sair as calçadas sob o risco de serem considerados inimigos, as portas foram trancadas. Nem mesmo os jornalistas hospedados aqui conseguiram convencer os funcionários que lhes permitissem ir até à esquina para ver como estavam as coisas.

Pelas janelas, viam-se apenas os pássaros a saltitar pelas calçadas em busca de algum

resto de alimento. Os faróis piscavam de forma intermitente e apenas o som das ambulâncias cortava o silêncio de um dia tenso, na constante expectativa de que a guerra, que é travada a poucos quilômetros, daqui chegue inexoravelmente ao Centro de Kiev.

AMERICANO INTRANQUILO

Dentro do hotel, os ânimos eram diferentes. Um americano visivelmente desequilibrado e que parece não ter feito os cálculos corretos gritava no lobby do hotel que a guerra era responsável pela imprensa. Ameaçava alguns jornalistas, mas foi contido pelos seguranças. Do salão contíguo, uma mulher ucraniana assistia à confusão com um lulu da Pomerânia no colo. Ela não é a única. Hóspedes ucranianos passavam com cachorros pelos corredores, na tentativa de aliviar a tensão, de ambos.

Enquanto alguns hóspedes circulavam pelo salão central em robes e toalhas após sair de um mergulho na piscina, outros conflagravam no bar, fumando charutos e cigarros. As placas informando que o uso de máscaras é obrigatório seguem no mesmo lugar, mas há dois dias ninguém mais as usa. O risco da Covid se tornou abstrato demais diante do risco de bombas, combates na a rua e tanques de guerra.

Diante do elevador, Dimitri aguarda. As regras não lhe permitem tomar um elevador com os hóspedes. O convívio a subir comigo. Ele recusa. Eu insisto, e então ele aceita.

— Ok, acho que já não faz mais sentido, afinal, estamos todos no mesmo barco agora.

BERLIM AUMENTA GASTO MILITAR INVASÃO DA UCRAÏNA CAUSA VIRADA NA POLÍTICA ALEMÃ DO PÓS-GUERRA

Ao anunciar ontem em seu discurso ao Parlamento o aumento do gasto de 100 bilhões de euros, o chanceler Olaf Scholz criou uma virada em política externa há décadas pelo governo alemão, uma mudança precedida pela invasão da Ucrânia pela Rússia. O anúncio do chanceler e o voto como uma das principais razões para a mudança de rumo da Alemanha em direção a uma política externa mais dura em relação à Rússia, mas depois de 47 dias de negociações da Alemanha com o presidente Vladimir Putin, o país está pronto para que o acordo com o líder russo seja assinado.

No sábado, ele abandonou a tradicional posição da Alemanha e prometeu armas para a Rússia em troca de um acordo com o líder russo.

democratas cristãos de Merkel, analista que acredita está pronto para trabalhar com o atual governo para aprovar o fundo de defesa.

Além de aumentar o gasto com defesa, Scholz também prometeu fazer mais para proteger a economia alemã, ao lançar um pacote de 200 bilhões de euros em medidas de apoio à indústria e ao comércio exterior, e a sua decisão de apoiar a Rússia em relação ao gás.

— Há mais de um ano, o chanceler e seus dois parceiros na coalizão governante — Olaf Scholz, que controla a maioria, e os líderes da Esquerda e da Esquerda Democrática (Die Linke, na sigla em alemão), que dirige o Ministério das Finanças.

FINA DEBATE

Estas negociações não passaram pelo Parlamento de Berlim, em uma manifestação de apoio à Ucrânia, quando o governo alemão anunciou a decisão de apoiar a Rússia em relação ao gás.

Scholz teve que superar um voto no Parlamento Social Democrata (SPD), que tem uma longa história de boas relações com Moscou desde a era de Helmut Kohl, em 1982.

A ministra de Exterior, Annalena Baerbock, dos Verdes, disse hoje que o acordo com a Rússia é o “momento certo” para a Alemanha fazer o que ela chamou de “virada de 180 graus” em política externa.

— Se não mudarmos de direção, então nossa política também deve ser diferente. Scholz está a par de estar para trás uma forma de restrição peculiar na política externa e de se separar — disse ela ao Parlamento.

Ancoradas entre a guerra e a paz, as relações entre o governo e o parlamento que prevêem a concessão de bilhões de euros em ajuda (veja a página B10).

MILHARES PROTESTAM CONTRA PUTIN

Em Berlim, milhares de pessoas se reuniram no domingo para protestar contra a invasão da Ucrânia pela Rússia. Os manifestantes seguravam bandeiras alemãs e ucranianas, e alguns seguravam cartazes com mensagens de apoio à Ucrânia.

Estados Unidos voltam a enviar armas para a Ucrânia

Os Estados Unidos anunciaram hoje que vão enviar mais armas para a Ucrânia, incluindo mísseis e tanques. O anúncio foi feito pelo Departamento de Defesa e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

Brasil também se prepara para enviar ajuda humanitária

O Brasil se prepara para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

China também se prepara para enviar ajuda humanitária

A China se prepara para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

Índia também se prepara para enviar ajuda humanitária

A Índia se prepara para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

Países da América Latina também se preparam para enviar ajuda humanitária

Países da América Latina se preparam para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

Países da África também se preparam para enviar ajuda humanitária

Países da África se preparam para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

Países da Ásia também se preparam para enviar ajuda humanitária

Países da Ásia se preparam para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

AS PESSOAS NÃO TÊM MEDO, ELAS ESTÃO FURIOSAS

Em Kiev, as pessoas não têm medo da guerra, elas estão furiosas. A população está indignada com a invasão da Rússia e está se preparando para o pior. As pessoas estão se escondendo em abrigos e estão se preparando para lutar.

Estados Unidos voltam a enviar armas para a Ucrânia

Os Estados Unidos anunciaram hoje que vão enviar mais armas para a Ucrânia, incluindo mísseis e tanques. O anúncio foi feito pelo Departamento de Defesa e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

Brasil também se prepara para enviar ajuda humanitária

O Brasil se prepara para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

China também se prepara para enviar ajuda humanitária

A China se prepara para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.

Índia também se prepara para enviar ajuda humanitária

A Índia se prepara para enviar ajuda humanitária para a Ucrânia, incluindo alimentos, medicamentos e suprimentos médicos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Saúde e representa um compromisso de longo prazo de apoio à Ucrânia.



Olaf Scholz, chanceler alemão, anunciou o aumento do gasto de 100 bilhões de euros em defesa.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 17,18,19 e 20